

A Caixa de Bonecas

Letícia e Assis Avelar

Blackout. Ouvem-se barulhos altos e um choro baixinho.

Liza, tá ai? Eu queria te contar uma coisa. Uma coisa que está acontecendo comigo e eu não sei o que é. Ando muito enjoada, sem vontade de comer. Mas, às vezes, sinto uns desejos loucos por doce. Outro dia, sonhei que estava comendo um daqueles algodões doces enormes e coloridos, que eles nos davam quando éramos crianças e acordei cavando o meu colchão, cheia de espuma dentro da boca.

Luz.

“É menina!” Pronto: nasceu para servir, para procriar. Uma vida inteira escrita por Eles. Para Eles. Chorei por me notar viva, pelo medo da dor de viver nesse mundo, como se já soubesse que não seria ouvida por ninguém. No mundo dEles, não há espaço para mulher. Nossa história não tem voz, somos eco do que escrevem para gente. Eu vivo encarcerada nesse quarto escuro, presa nessa noite eterna. Só vejo a luz do dia quando a porta abre para anunciar uma treva ainda maior: a “Hora da Visita”. Perdi a infância, assim, de repente. Eles tiraram de mim e me jogaram aqui. Aqui é tudo preto: chão, parede, teto... De vez em quando, por uma fresta de luz, que entra pela ventilação da porta, consigo enxergar um pouco melhor: nada. Não há nada aqui, além de um colchão velho, desgastado e algumas roupas jogadas, minhas e deles. Eu costumava contar os dias, riscando as paredes com as minhas unhas. Não me restam mais unhas nos dedos, nem espaço nas paredes. Perdi a conta dos dias. Me perdi no tempo. Até o sangue descer, as meninas ainda podem brincar. Eu me lembro de ser heroína, manicure, veterinária, empresária, cozinheira, floricultora,

artista... Eu me lembro de ser. Mas me arrancaram de mim, sufocando todos os meus sonhos. De vez em quando entra comida, bebida, um presentinho por ali. Não, obrigada, eu não estou com fome. Eu ando meio enjoada esses dias. Ah! o esparadrapo pode ser. Para as minhas unhas, ou o que restou delas. É, estão muito feias, mesmo. Eles jogam o esparadrapo. E a comida. Eu sou obrigada a comer. Eu ouço os passos dEles cada vez mais distantes, até desaparecerem. (Silêncio) Ei, ei, Liza! Você está aí? Desde cedo, ando gritando o seu nome e você não me responde. Eu ouvi os seus gritos ontem à noite. Fiquei preocupada, está tudo bem? Ei, responde! "É menina!". É menina. Eu sei que é. Metade de mim teria esperanças de que essa criança pudesse ser um menino, sair daqui com liberdade, ter uma vida decente, até mudar esse sistema, de repente... Mas essa metade não existe. Eu tenho certeza de que não é. O tempo passa e a minha barriga cresce junto ao meu desespero. Dizem que quanto maior é a criança, mais dor ela sente na hora da morte, mas a minha covardia ainda me impede de pôr um fim nisso logo. Será? Socos? Sufocamento? Facadas? Acho que seria doloroso demais. Liza, Liza, por favor, me responde. Será que a Liza teve a coragem? De repente, um sentimento novo me invade: coragem. Antes, eu tinha medo da morte. Mas medo por quê? Que vida eu tenho para viver? Que vida a gente tem para viver? Sabe que eu já tinha até escolhido um nome para você? Mas de que adianta? A história se repetiria: "É menina!" Pronto: nasceu para servir, para procriar. Uma vida inteira escrita por Eles. Para Eles. Dormir e sonhar para sempre me parece mais prazeroso do que abrir os olhos todos os dias aqui. (Silêncio) Achei um cinto. Ela envolve o cinto no pescoço e aperta a fivela.

Blackout.